

CALDAS DE BAGNÈRES.

BAGNÈRES é um sitio muito frequentado, não só pelos habitantes da França meridional, mas também pelos hespanhoes, quer por mero recreio, quer em rasão dos banhos medicinaes, e da proximidade á fronteira d'Hespanha. (*)

Bagnères termina do lado do sul a terra chaã do Baigorri, de que é, para assim dizermos, a joia mais preciosa. Durante o estio appresenta o aspecto de uma grande cidade de França; povoa-se de carruagens, de bonitos cavallos, de librés multi-côres; é local do ajuntamento de gente casquilha e aristocratica; tem seu theatro, seu *Frascati* onde se baila e sobretudo onde se joga, porque os *bons costumes* em parte nenhuma se perdem! O estabelecimento das caldas parece um palacio de marmore, e a esse manancial benefico deve ella a sua fama e riqueza. Também possui um ramo importante de industria em suas rendas, e bordados á agulha, de formosos labores, sarjas, estamenhas e outros tecidos.

Os habitantes de Bagnères que desaparecem e se occultam nos andares altos de suas casas durante a estação dos banhos, desferram-se bailando todo o inverno; é neste mesmo periodo que reparam as suas vivendas e levantam outras de novo com um luxo que não se exigia delles em outro tempo, pois que a maior parte dos forasteiros concorrem áquelle sitio só para se divertirem, tomando a saude por pretexto. Passa-se o dia no toucador, e nas visitas, em cavalgatas pelos suburbios, e a noite em bailes e concertos.

Tambem pertence Bagnères á poesia, quer á simplesmente meditativa, quer á que traduz as suas

(*) Bagnères de Bigorre pertence ao departamento dos Pyrennés altos: foi bem conhecida dos romanos.

inspirações meneando a penna ou o pincel: por alli correm as aguas azuladas do Adour, os montes de forma rotunda abrem engraçadamente passo a valles deliciosos, que convidam á vida pastoril, apresentando quasi sem interrupção aldeias, igrejas, ruinas de castellos, rebanhos e cabanas, e depois de terem attrahido os passeantes sem lhes dar cansaço, tornam a erguer-se caprichosamente mostrando-se asperos e sombrios, guiando por varios graus ora ao medonho, ora ao sublime.

Observada a povoação do alto do monte Olivete, a cujas raizes se abriga das correntes de ar do valle, descobre-se-lhe uma tintura melancholica na vista de casas brancas com telhados pardos e as vergas das portas de marmore preto, e na do cemiterio cheio de cruces funéreas e de cyprestes rasteiros. É mui triste o campo santo de Bagnères; quasi todos os epitaphios apontam estrangeiros a quem tomou de assalto a morte, fóra da sua patria e porventura nos braços d'enfermeiro assalariado, e quando procuravam recuperar a saude: parece que daquellas solitarias sepulturas sabem vozes lastimosas, supplicando ao vento passageiro que transporte as suas cinzas ao torrão natal, junto do lar querido, á cêrca dos mortos das suas parochias, onde achariam quem os pranteasse.

A cidade interiormente é linda, edificada ao modo hollandez com ruas largas, direitas, e embelezadas por formosos predios; sustenta oito mil moradores, a que na temporada dos banhos se addicionam tres a quatro mil forasteiros, entre francezes e hespanhoes. A commodidade e até certo fausto das habitações, o esmerado serviço e a urbanidade e agrado dos naturaes, a modicidade dos preços junta com a abundancia dos generos de prin-

principal consumo, a variedade de espectáculos naturaes que offerece o territorio, como escarpadas montanhas, valles amenos, elegantes alamedas, e fecundos e saudaveis mananciaes; tudo contribue para realçar Bagnères, concorrendo ao mesmo passo a sua situação nos confins de dois reinos poderosos na região vasconça, deposito de mui antigas tradições e dos mais singulares usos e costumes.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA.

Exposição de 1843.

VIII.

ESCUPTURA.

A present, la question pecuniaire domine tout et ne laisse achever rien.

E. DE LA BÉDOLLIÈRE. — *Le Monument de Molière.*

A VOCAÇÃO que os portuguezes teem para as bellas-artes, e a facilidade com que vencem os obstaculos que se oppõem ao estudo de qualquer ramo dos conhecimentos humanos, manifestou-se completamente na recente exposição, mórmente na esculptura; pois que as tendencias desta epocha e a situação de transição e incerteza em que Portugal tem estado, nenhuns auxilios, nenhuma recompensa podem conceder aos que estudam tão difficil e sublime arte. No centro da nossa organização politica e administrativa, levantou-se um phantasma surgido dos abysmos da ignorancia, o qual imprópriamente foi considerado como *economia*, e todas as boas intenções e todas as lembranças de que poderia resultar gloria para Portugal, foram affugentadas pelo seu aspecto escarnecedor e atrevido: tem havido até quem, esquecido do verdadeiro e unico sentido da palavra *economia*, continuasse a propagar a calumia atroz attribuida a uma sciencia que tem os seus elementos nas idéas que se ligam a essa phrase; e deste modo uma preocupação, talvez de boa fé, junta a um instincto rude e interesseiro que detestava as obras do genio, deram origem aos complicados e fortes obstaculos que tanto se tem opposto, e se hão-de continuar a oppôr, ao progresso das Bellas-Artes em Portugal e ao engrandecimento e gloria deste paiz. E como nem todos os genios podem nascer e criar-se em uma situação independente, e a intellectualidade é tanto patrimonio do pobre como do rico, e até mais vezes apparece mais no centro do modesto e virtuoso viver da pobreza, do que nos esplendidos e fastosos delirios de um luxo inutil, as bellas-artes tem perdido na primavera da vida, ou na mais sublime epocha do genio, muitos artistas, que immortalisando-se e á sua patria, concorreriam para o esplendor da arte moderna; e em Portugal se o Governo quanto antes não cuidar de recompensar e animar os nossos novos artistas, não só as bellas-artes soffrerão com esta falta de indispensavel auxilio, mas a esculptura acabará totalmente assim que deixem de existir os dois distinctos professores que tão evidentemente mostram ao mundo civilisado o progressivo primor a que tem chegado a esculptura portugueza. — Antes de fallar nas estimaveis produções artisticas devidas ao genio desses artistas que a necessidade e falta de precisos auxilios obrigarão a deixar o estudo da arte que tanto prezam; e antes de provarmos ainda mais

cabalmente o quanto é mister que o Governo dê toda a consideração ás representações que ácerca de tão importante assumpto lhe tem sido dirigidas pela Academia das Bellas-Artes; vejamos como alem da constancia e o amor com que os artistas, sacrificando a sua existencia, se entregam sem proveito nem esperanza de o ter, ao estudo penoso da esculptura: tambem outros genios igualmente merecedores de elogio se entregam por um instincto involuntario ás inspirações da arte, em que só o genio sem o concurso de estudos regulares os tem feito insignes. Dois motivos ponderosos exigem que depois de fallarmos das obras dos professores de esculptura examinemos as produções artisticas em que esses genios manifestaram a vocação invencivel com que principiaram a ser esculptores; pois que um destes genios é uma senhora, e o outro é um dos professores da Academia, que não sendo a esculptura o ramo da arte que professa e que regularmente tenha estudado, possui uma reconhecida e louvavel disposição para as trabalhosas e delicadas produções desse vastissimo ramo da arte: por consequencia vamos tratar de examinar os primores d'arte devidos ao talento da Ex.^{ma} Sñr.^a D. Maria Margarida Ferreira Borges, digna socia de merito da Academia, e ao talento do Sr. Joaquim Raphael, professor proprietario da aula de desenho historico.

A illustre irmã de um dos primeiros jurisconsultos que mais honraram o distincto foro portuguez, não podia appresentar na exposição obra que mais merecesse as sympathias do publico do que o busto desse irmão que tanto amava, e que a nação e os seus amigos ainda choram: este busto, alem de ser um tributo de intima saudade, é um merecido e digno monumento que recorda a Portugal a memoria de um dos seus mais sabios e profundos escriptores: todos quantos o viram, o contemplaram com attenção e interesse; os que haviam tido a ventura e a honra de conhecer o illustre jurisconsulto, recordavam ante esse retrato perfeito as horas que haviam passado na companhia de tão estimavel e instruido amigo; os que não o conheceram admiravam o character pensador que transluz no gesto do severo e ao mesmo tempo agradavel rosto do nosso mais distincto escriptor de direito commercial: essa imagem exacta do senhor Ferreira Borges é de tão elevado merecimento que até os que o não conheceram admiravam na fronte espaçosa e graciosamente contornada os vestigios da continuada meditação e muito estudo que teve por brilhante consequencia o nosso Codigo de Commercio e todos os outros preciosos escriptos que lhe serviram de desenvolvimento, ou que o precederam. Apesar de ser sabido de muitos o modo extraordinario como a Ex.^{ma} Sñr.^a D. Maria Ferreira Borges começou, e tem continuado, o estudo da esculptura, ante o busto primoroso que tão perfeitamente representa o seu querido irmão de saudosa memoria, até esses mesmos se pareciam admirar do que estavam vendo, e na verdade é digno de admiração ver um trabalho tão perfeito, executado por uma senhora, que sem nunca haver estudado nenhum dos ramos das bellas-artes, nem sequer o desenho, manifestou aos 46 annos o instincto artistico que por certo desde a infancia alimentava em sua alma, mas que só esperava pela occasião propria de mostrar a sua existencia: que pezar não seria, e que perda tão grande para a gloria das nossas artes se a morte houvesse roubado ao mundo esta senhora antes de haver reconhecido a disposição que invencivelmente a

chamava para o santuario do estudo da arte! O seu talento para a escultura manifestou-se quando em 1836, vendo trabalhar um esculptor, se lembrou de imitar este difficil trabalho, e para mostrar o quanto era intima a vocação que tinha pela arte, o seu genio, imitando o trabalho que vira, não precisou dos instrumentos com que o tinha visto executar, e transformou os dentes d'um pente em unico instrumento, com o qual principiou e acabou o busto de sua cunhada, a Ex.^{ma} Sñr.^a D. Bernarda Candida Ferreira Borges: foi tal a perfeição deste primeiro ensaio que já alguns artistas a elogiaram, e ficaram surprehendidos vendo o modo como esta esculptora distincta executava seus trabalhos, obedecendo em tudo ao genio sem se servir das tradições antigas da arte que desgraçadamente muitas vezes se tem reduzido a uma mesquinha rotina. Depois de tão lisongeiro principio esta senhora tem continuado com enthusiasmo e constancia a estudar a arte, á qual tão de coração se dedicou; e entre as obras devidas ao seu talento devem notar-se com a maior distincção, além do busto appresentado na exposição, o busto de S. M. I. o Sr. Duque de Bragança, o do Sr. Dr. Custodio Luiz de Moura, e os de suas duas primas as Ex.^{mas} Sñr.^{as} D. Margarida de Moura Miranda e D. Joaquina de Moura Vellozo: ultimamente, quando um dos nossos mais insignes artistas modernos, e um dos mais elevados genios que com enthusiasmo e amor se tem entregado em Portugal ao estudo das artes, o Sr. Luiz Pereira de Menezes, mancebo, cujo inspirado pensamento e primoroso pincel foi admirado e subidamente elogiado por quantos tem contemplado as suas numerosas e admiraveis produções artisticas, esteve no porto, a Ex.^{ma} Sñr.^a D. Maria Ferreira Borges, de quem o joven e digno artista executou um retrato surprehendedor, para dar não só uma prova de particular estima, mas de merecido louvor ao talento deste mancebo, que tanto hade continuar a honrar a pintura portugueza, executou um bem acabado busto do Sr. Luiz Pereira de Menezes; e se a modestia deste nosso intimo amigo não tem deixado que todos quantos admiram as produções do seu genio vejam um dos tributos offerecidos ao seu excepcional talento, não é justo que a particular amizade que nos liga ao Sr. Menezes, e com a qual muito e muito nos honramos, obrigue a nossa consciencia a deixar no silencio o que tanto honra dois genios merecedores da maior admiração e do maior louvor; e seja esta uma das raras vezes que para elogiar e não para deprimir o merecimento, sejam lembradas aquellas tão sabidas palavras da antiguidade — *Amicus Socrates sed magis amica veritas.* —

Em todos os tres bustos appresentados pelo Sr. Joaquim Raphael notámos boa execução e muito cuidado no seu acabamento, podendo-se asseverar que foram muito bem modelados, e o busto de S. M. Elrei tornava-se digno de maior admiração pela similhaça que o caracterisava; mas a obra em que admiramos com muito prazer não só o primor da execução, mas tambem o suave e poetico do pensamento, foi um baixo relevo da invenção do Sr. Joaquim Raphael e por este mesmo professor modelado em cêra; representa a Santissima Virgem com o Redemptor do mundo em um dos braços: a graciosa e sublime expressão destas duas figuras só vista pôde ser comprehendida e louvada; a pureza dos contornos e a perfeição com que estão modelados seriam de per si motivos de mais para as elogiarmos, se outros muitos não concorressem para

contemplarmos com enthusiasmo este encantador baixo relevo, no qual não só a expressão, pureza do desenho e harmonia da composição devem ser louvadas, mas tambem a naturalidade e leveza das roupas: o mesmo se pôde dizer de outro baixo relevo, tambem modelado em cêra pelo Sr. Joaquim Raphael, o qual é copia de um desenho do nosso insigne Sequeira, e representa a morte de S. Luiz Gonzaga. Quando examinámos o monumento levantado no centro da aula de desenho em honra de SS. MM. a Rainha e Seu Augusto Esposo, como Fundadores e Protectores da Academia, tivemos occasião de admirar alguns trabalhos delicados, executados em cêra pela Ill.^{ma} Sñr.^a D. Balbina Emilia Raphael, filha do distincto professor de quem acabamos de fallar, nos quaes se notava bastante gosto e applicação.

O Sr. Joaquim Pedro de Aragão, academico de merito e ajudante da primeira classe da aula d'escultura, appresentou um baixo relevo modelado em barro, de 2½ palmos de altura por 2½ de largura, da sua invenção e execução, o qual representa D. Bernardo Coutinho, cavalleiro, pertencente á antiga familia dos illustres Marialvas, ameaçando o prendendo elrei de Lamo no centro de sua côrte, e levando-o á presença de Thomé de Sousa Coutinho, commandante da armada portugueza surta nos mares de Melinde, no anno de 1582.

Esta composição que appresentava muitas difficuldades pelo movimento e expressão particular que exigia para as differentes figuras, tinha além disso todas as outras difficuldades inseparaveis do baixo relevo; e se com bastante sentimento não podêmos afirmar que o conhecido talento do Sr. Aragão e o seu continuado estudo conseguiu vencer todas essas difficuldades, podêmos asseverar que algumas venceu, e que este seu baixo relevo não deixa de ter merecimento, apesar de ser de uma invenção complicada e de uma execução difficultosa, e principalmente tem o louvavel merecimento de ser uma recordação de um daquelles feitos de valor que em epochas passadas tanto illustraram o nome portuguez. (*)

A boa vontade com que o senhor Antonio Onofre Sciappa Petra se entrega ao estudo da escultura não deixou de se manifestar em um baixo relevo das mesmas dimensões que o precedente, apesar de que mais era de esperar da sua intelligencia e amor que tem á arte; mas um baixo relevo é um trabalho tão difficil, mórmente quando o objecto que representa é uma situação moral que deve produzir nas figuras differentes effeitos ligados pela imperceptivel harmonia da composição, que seriamos in-

(*) E' chegada a occasião de fazermos uma declaração que de nenhum modo nos foi pedida; mas que devemos fazer por nos constar que houve quem, por certo mal intencionado, entendeu mal o que dissemos ácerca do plano para um theatro nacional appresentado pelo Sr. Lucas dos Santos, bibliothecario da Academia, é a seguinte «quem tiver algum senso commum, ou não estiver de má fé, verá que no periodo em que fallamos do Sr. Lucas não ha censura que se lhe possa attribuir, pois que se diz que se ao seu projecto faltou algum desenvolvimento preciso, a culpa foi das exigencias do programma e da falta de tempo.» Fazemos neste logar esta explicação para que sirva tambem de interprete á intenção com que appresentamos a nossa opinião ácerca de algumas obras que não podemos considerar como primores d'arte, ou de outras que não podem ser consideradas como perfeitas; mas como esta nossa opinião é sempre relativa ás circumstancias que desfavorecem o artista, não se pôde com justiça encontrar nestes nossos artigos nenhuma censura que se dirija aos artistas.

justos se não considerassemos os esforços do artista e as dificuldades que tinha a vencer; e para isto basta dizer que o assumpto do seu baixo relevo era a decantada firmeza de Popilio, que sendo o principal membro da embaixada que o senado romano enviou a Antiochia para alcançar uma prompta resposta ás perguntas que pelo senado lhe haviam sido dirigidas, traçou um circulo em volta do monarcha, porque este allegando frivolos pretextos queria demorar essa resposta, e lhe disse que não sahiria desse circulo sem acceitar ou recusar o que Roma lhe propunha.

Devemos mencionar com muita distincção o nome do Sr. João Gualberto Rodrigues, artista, ajudante da aula, que mostrou bastante estudo e muita intelligencia em um difficil e formoso baixo relevo em gesso de 3½ palmos de altura por 4½ de largura, reduzido e copiado de um baixo relevo original do famoso esculptor Rossi.

O programma proposto pela Academia para os premios do recente concurso trienal concedia o 1.º premio ao alumno que executasse o modelo de uma estatua de Camões, de tres palmos de altura — e a qual satisfizesse as condições que requer a invenção e execução de um tão importante assumpto. — A estatua appresentada pelo Sr. José Maria Caggiani, alumno ordinario concorrente ao primeiro premio, mereceu as honras do *accessit*. E não podêmos deixar de concordar com a opinião da distincta Academia; asseverando que se a estatua não merecia as honras do primeiro premio, tambem os esforços que o seu auctor fez para o merecer, e dos quaes deu provas nessa mesma estatua que possui bastante merecimento, não merecia um desanimador esquecimento — e as honras do *accessit* foi um premio com que justamente se honrou o Sr. Caggiani que mostra ter muita disposição para a esculptura, e esperámos que continuando a estudar como até hoje, appresente na proxima exposição alguma obra em que se revelem os seus progressos: pois que devemos dizer que a estatua de Camões está modelada com muito genio, e é a melhor obra que temos visto deste artista. O segundo premio do mencionado concurso de esculptura era um grupo de meninos em baixo-relevo de 3 palmos de altura por 3½ de largura, o Sr. Manuel José Rodrigues Lata mereceu este premio — e o baixo-relevo que a Academia achou digno de ser premiado com a medalha de prata mereceu esta honra: porque o Sr. Lata na execução deste baixo-relevo dá uma evidente prova do aproveitamento que tem tido o seu continuado estudo.

É com muita satisfação que chega a occasião de fallarmos em um baixo relevo feito em madeira pelo Sr. Ignacio Caetano, alumno voluntario da aula de esculptura e da de desenho historico, e contra-mestre graduado dos entalhadores do arsenal da marinha. Este baixo-relevo pode-se dizer com muita verdade que foi uma das obras que pela delicada e primorosa execução mereceu os geraes elogios de quantas pessoas examinaram as producções artisticas appresentadas nesta exposição. O assumpto do baixo-relevo é um dos episodios da heroica e virtuosa vida do immortal infante D. Henrique, do pelejador sem igual que mais se distinguiu na celebre tomada de Ceuta, e que indicou o caminho que os portuguezes haviam de seguir para engrandecerem a sua patria, augmentarem o dominio da fé, e illustrarem o seu nome. — O infante está n'um dos aposentos do seu palacio construido perto do

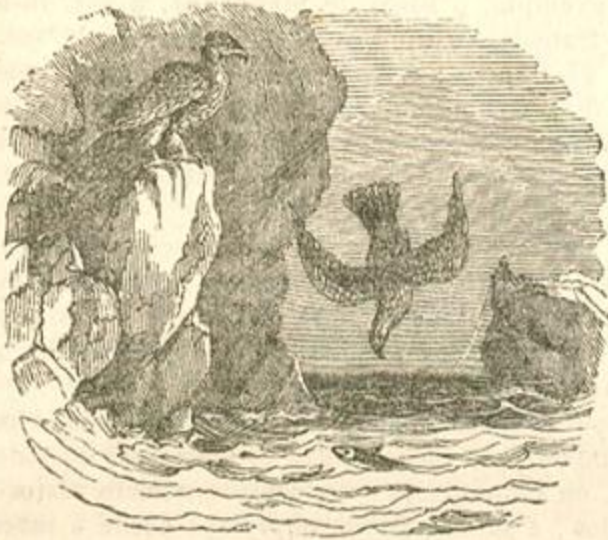
Cabo de S. Vicente em uma villa fundada pela sua munificencia, á qual deu o nome de Terça Nabal, e que hoje se chama Sagres — e juntamente com elle estão João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, dos quaes se despede, pois que por sua ordem vão continuar os descobrimentos começados, e que o seu estudo e amor pela religião e pela patria haviam de continuar: duas janellas abertas permitem que se observe o mar e duas gallés — no panno riquissimo que cobre um bofete perto do qual está o infante se vê perfeitamente esculpida a sua devisa *Talent de bien faire*. — A simples descripção que acabam de fazer deste baixo-relevo, que não tem seis polegadas de altura é bastante para se imaginar a grande difficuldade de o executar: mas o que não será possivel, é que as pessoas que não tiveram o gosto de o ver imaginem a perfeição e intelligencia com que foi executado. — É superior aos maiores elogios o primor de todo este baixo-relevo e da moldura gothica ornada com as cruces de Christo e as espheras armilares, a qual estava perto delle e que tão propria era para esse baixo-relevo; mas que lhe não pertence por haver sido encommendado por lord Howard ao Sr. Ignacio Caetano: quem admirou os delicados e elegantes trabalhos deste artista estudioso considerará como bem pouco o que ácerca do seu merecimento deixámos dito: mas o limitado deste nosso trabalho não permite que satisfazendo aos nossos desejos lhe dedicassemos mais algumas linhas. A nosso pezar não podemos fallar com a devida extensão de algumas obras que vimos no laboratorio de esculptura; mas entre estas não podemos deixar de fazer particular menção de quatro bustos maiores que o natural, e entre estes, se é possivel haver preferencia quanto á perfeição que manifesta o estudo dos que os executaram e quanto á invenção que revela o saber e o genio de quem os modelou, seja-nos permittido mencionar com grande distincção o busto de Affonso d'Albuquerque e de Camões: os artistas que trabalharam nestes bustos são os Sr.^{es} Pedro de Alcantara da Cunha d'Eça, J. P. de Aragão, J. A. Pereira e A. O. Schiappa Pietra. Tambem é digno de muito louvor um vaso de 3 palmos de altura, desenhado no gosto grego, e que está quasi completo, e tem sido perfeitamente executado pelo Sr. João Henriques Cezarini, artista ornatista.

Todas as obras que appareceram na aula e laboratorio de esculptura mostraram que os Sr.^{es} Assis e Cerqueira, seus dignos professores, empregam todo o seu saber em ensinar e dirigir esta importante aula; e todos os alumnos e artistas que lhe estão aggregados demonstraram com a maior evidencia que comprehendem as lições e conselhos de tão sabios mestres, e merecem os auxilios indispensaveis que o Governo quanto antes deve prestar aos que sem meios de subsistencia se entregam por vocação decidida ao estudo da esculptura, e que já ha annos estão nesta aula manifestando grande aproveitamento sem alcançarem pela arte, que com tanto amor estudam, os meios que necessitam para viver modestamente, e havendo até logares vagos nos quaes poderiam e deveriam ser providos.

Resta-nos tirar uma consequencia de tudo quanto deixámos escripto ácerca da esculptura e que inteiramente concorda com o que dissemos ácerca da architectura; e vem a ser que a opinião que formámos das bellas-artes, consideradas em relação á civilisação christã, não é uma utopia; que a sua nova epocha é uma epocha de progresso e de sub-

da perfeição, sendo o apparecimento do christianismo a origem deste seu brilhante aspecto; e finalmente que Portugal concorre de um modo honroso para a resolução de grandes problemas artisticos, dos quaes depende todo o futuro da arte.

S. J. Ribeiro de Sá.



AS DUAS AGUIAS.

APOLOGO.

Lá bem longe no mar, onde as vagas rebramam sobre as escarpadas ribanceiras das remotas ilhas de Orkney, e a natureza se compraz na solidão daquellas regiões agrestes, em que se não acham por muitas milhas em circumferencia vestígios de humanos passos, salvo do astuto caçador, que por alli exercita seu perigoso officio, soccorrendo-se de mil estratagemas para armar ciladas ás aves bravias, duas aguias pousavam n'um penhasco alcantilado, e dahi em ocio contemplavam a superficie extensissima e azul-sombria das aguas — «Não façamos bulha: [disse a mais nova] descubro um peixe lindo como o ouro polido: ó querida mãe, reparaí como elle brinca, parece que cobiça ser minha presa. Eu vou-me atirar a elle com olho certo, apanho-o e em breve sou comvosco.» — «Não, não, filha minha; mando-te que estejas quèda; não quero que pesques hoje. Olha para o mar: este clarão meridiano é capaz d'encandear até a vista d'uma aguia, portanto nada de pesca: pelo que toca a sustento recorrâmos á nossa reserva (*). Os moços devem aguardar por melhor tempo: vem com tua mãe, e jantará com fartura.» — Esta prudente admoestação foi o mesmo que palavras soltas a orelhas moucas: a aguia noviça despregou azas, tomou vôo, pôz a mira na presa, e sobre ella desfechou soffrega, appressada e imprudente; não a detiveram os lastimosos gritos da mãe que conheceu o ardil disfarçado naquellas reluzentes escamas.— «Pára, pára, filha; tudo é fraude; o caçador ei-lo acolá.» — Assim era: a incauta golosa torceu o perçoço picando com impeto o enganoso e rijo pedaço de páu pintado: (::) dahi a pouco, pendurada de uma corda, balouçava derreada, para ser conduzida a gaiola segura, onde ainda a podem ver, servindo de

(*) A dispensa da aguia está sempre bem provida; por exemplo, acharam-se em o ninho de uma quatro coelhos, umas poucas de aves aquaticas, um cordeiro, e duas fações eirozes.

(::) Desta industria se servem os insulanos do Norte para tomarem vivas as aguias pesqueiras, que assim ficam atordoadas da quèda e pancada; succede morrerem algumas, fracturados o bico e o craneo.

objecto de curiosidade e divertimento. — Ninguem despreze conselhos d'experientes e muito menos os mandatos paternos.

BIBLIOTHECA DO RIO DE JANEIRO (*).

DEVE a cidade do Rio de Janeiro a bibliotheca publica que hoje possui á generosidade do principe regente [depois rei D. João VI] que, passando de Portugal ao Brazil em fins do anno de 1607, fez transportar comsigo a bibliotheca do seu palacio da Ajuda, formada pelos senhores reis seus predecesores para uso da familia real. Ella se franqueou ao publico em 1810, sendo arranjada pelos seus dois primeiros directores aqui, os padres mestres Fr. Gregorio José Viegas, e Fr. Joaquim Damazo; o primeiro da 3.^a ordem Franciscana, e o segundo da congregação do Oratorio.

A casa que servia de hospital dos Terceiros Carmelitas foi occupada pela bibliotheca, pela proximidade em que ficava do paço real, donde o rei e os principes vinham muitas vezes ler e consultar. Mas este local, alem de não ser proprio para um tal estabelecimento, tem demais o inconveniente de ser acanhado, pouco arejado, e sujeito a continuadas invasões do cupim, que por muitas vezes lhe tem feito grandes estragos, assim como tambem d'outros insectos que costumam atacar os livros, e que no Brazil espantosamente se desenvolvem. O governo imperial tem idéas de fazer construir um novo edificio com as proporções necessarias a uma bibliotheca publica, e alguns passos se tem dado já com esse fim.

No ajuste de contas com Portugal, por occasião da nossa independencia, entrou a bibliotheca publica como propriedade da casa real, e com ella a livraria do infantado, que tambem se passára ao Brazil com o principe regente. Estas bibliothecas chegaram com muitas obras truncadas, e poucas dobradas; destas mandou depois o governo repartir pela bibliotheca publica da Bahia fundada pelo conde dos Arcos, e pelas dos cursos juridicos de S. Paulo e Olinda. Fr. Joaquim Damazo, que ficára bibliothecario em 1822, como não quizesse adherir á proclamação da nossa independencia, retirou-se para Portugal, fazendo primeiramente passar daqui a rica collecção de manuscriptos annexos á bibliotheca, tanto do rei como do infantado, e por isso é hoje a bibliotheca publica mui pobre de codices manuscriptos.

Cumprê notar que tambem com o regente veio uma preciosa collecção de manuscriptos, que no palacio das Necessidades se conservavam em archivo separado, e aos quaes se chamava — Manuscriptos da corôa. Esta collecção nunca foi incorporada á bibliotheca publica, apezar de grandes esforços dos bibliothecarios, e até mesmo de alguns ministros. O visconde de Villa-Nova, na qualidade de guarda-joias, conservou-a sempre debaixo da sua immediata inspecção, depositada em uma casa da nação na rua do Ouvidor, donde regressou a Lisboa com o rei D. João VI. Esta collecção de manuscriptos constava de mais de seis mil codices.

Por morte do conde da Barca, o governo recebeu em pagamento de dividas a parte da livraria que esse distincto litterato comsigo trouxe de Lisboa, e

(*) A pag. 166, n.º 126, vol. presente, haviamos promettido a transcripção deste artigo, tomado da — Minerva Braziliense — n.º 6.

que pôde salvar dos barulhos com que se fizera o embarque da côrte na epocha da invasão franceza. Esta livraria, apezar de estragada, ainda assim se compõe de muitas obras preciosas e raras, que o conde podéra colligir no tempo de suas viagens em diversos estados da Europa. Juntou-se-lhe tambem a livraria do illustre conselheiro José Bonifacio d'Andrade e Silva, doada por seus herdeiros, constante em grande parte de obras allemaãs sobre muitos ramos da historia natural, e de edições recommendaveis de celebres typographos sobre diversos ramos scientificos e litterarios.

Com estas reuniões, e com a compra e presentes de varias outras obras, possui hoje a livraria publica do Rio de Janeiro para mais de setenta e dois mil volumes, e apezar de ter falta de muitas obras em diversos ramos scientificos e philologicos, modernamente adiantados, todavia abunda em classicos, sendo riquissima a sua collecção. Accresce que o abbade Diogo Barbosa, antigo bibliothecario em Lisboa, e litterato que muito se distinguiu pelo seu incansavel zêlo em reunir as obras mais preciosas, accrescentou esta livraria não só com muitos livros raros, e que difficulosamente comprára para sua bibliotheca particular, como tambem com muitas collecções por elle trabalhosamente feitas de estampas e retratos, e com oitenta e seis volumes in-folio de folhetos sobre diversas materias historicas, politicas e litterarias, que já se não acham ou nos mercados, ou em muitas livrarias, e que elle com insano trabalho reduziu de differentes formatos ao de folio, grudando-lhe margens. Mencionaremos algumas das obras mais preciosas da bibliotheca publica do Rio de Janeiro para darmos uma succinta idéa do valor deste interessantissimo estabelecimento.

A collecção dos classicos comprehende edições de quasi todos os typographos antigos de Veneza, Leyden, Antuerpia, Milão, Amsterdam, Roma, Paris, &c., &c. Lembrarei que existem mais ou menos completas as edições dos famosos typographos antigos, como por exemplo, *Jodocus Badius*, *Joannes Gryphius* de Veneza, e *Sebast. Gryphius* de Leyden, dos *Henric-Petri* de Basilea, dos *Plantinos* em Leyden e Antuerpia, &c., &c.; que possuímos todas as edições *ad usum Delphini*, muitas da famosa officina *Sheldoniana* em Oxonia, &c., &c.; mas serrei mais extenso a respeito das verdadeiras joias da bibliotheca classica, a saber, das edições:

1.º Chamadas *Aldinas* [de *Aldus-Pius-Manutius*, *Paulus M.* e *Aldus M.*, todos de Veneza]; entre as quaes temos o Pausanias, Homero, Aulus Gellius, Cicero em latim e em traducções italianas, Artemidorus, *Æschylus*, Appianus, Statius, Seneca, duas edições dos livros de *Re Rustica*, e mais outras, todas publicadas entre os annos de 1500 até 1550.

2.º As edições de *Froben* de Basilea, cujas famosas impressões dos padres da igreja se acham na parte theologica da bibliotheca, emquanto entre as dos classicos existem: Phalaris, Ammiannus Marcellinus, Livius, Flavius Josephus, Dionysius Halicarnassus, Claudius, Cicero, Arrianus, Terentius, Plinius secundus, e outros.

3.º As edições dos *Stephanos* [*Henricus*, *Franciscus*, *Robertus*, e *Henricus Junior Stephanus* (Etienne) de Paris], dos quaes muitas edições preciosas se acham entre os theologos, outras, como por exemplo o famoso *Thesaurus linguæ græcæ*, no gabinete das linguas, e entre os classicos as seguintes: Anacreonte, Pindaro, Oratores Veteres, Moschopolus,

Herodotus, Dion, quatro edições de Cicero, Apollonius Rhodius, Thucydides, Terentius, Plautus, &c., &c.

Para demonstrar-se em poucas palavras que valor podem ter os livros citados, bastará lembrar os preços que, conforme ao — Manuel du Libraire — alcançaram alguns delles no anno de 1810 em Paris; por exemplo, o Plato de Stephanus, 3 vol. in-folio, 980 francos; o Pindarus, pelo mesmo, 1 vol. em 12, 54 francos; o Anacreon, 1 vol. em 4.º pequeno, 50; o Apollonius Rhodius, 56 francos, todos impressos por Stephanus. Entre as edições Aldinas, o Artemidorus, 64 francos; Anacreon 40 francos; *Æschylus*, 120 francos, &c.

E que valor se deve dar á collecção completa das edições Elzevirianas que possui a bibliotheca publica do Rio de Janeiro, que na Europa rarissimas vezes se encontram reunidas, e são procuradas a peso de ouro pelos curiosos?

Podêmos dizer que esta bibliotheca não é muito abundante [ao menos entre os classicos] de paleotypos, ou incunabilos, em sentido stricto assim chamados, a saber, livros impressos desde a invenção da typographia até o anno de 1500; adoptando-se porem a opinião do celebre bibliographo Panzer, que chama paleotypos as impressões executadas até o anno de 1536, centenas dellas aqui existem. Se poucas obras ha impressas antes de 1500, a raridade das existentes compensa, ao menos em parte, a falta de outras. Mencionaremos as quatro edições dos *Tres Allemanos* em Sevilha [*Paulo de Colonia*, *Joannes de Nuremberg*, e *Meynhard Hungut*], de 1491, 93 e 97, contendo o Seneca, Plutarchus, Boetius [todos traduzidos em hespanhol], e 1 vol. com mui curiosos tratados de um doutor Ortiz, obras que talvez em poucas bibliothecas da Europa se encontrem. Ha mais um Apulejus, Vicentiae, 1481; um dito, Mediolani, 1497; um Strabo, Venetiis, 1497; um Silius Italicus, ibidem, 1492; um Ovidius, 1500; um Justinus, 1490, &c.

A corôa porem de todos os paleotypos que existem nesta bibliotheca, bem que não pertença á classe de livros de que tratámos, é de certo a biblia latina de Fust Shæffer, de Moguncia, impressa em 1462. Para se conhecer a raridade desta edição bastará lembrar que ha pouco tempo se leu nos periodicos de França, como cousa extraordinaria, o encontro de um tal livro, que foi vendido por alto preço, e que julgam os bibliographos ser o 6.º exemplar até hoje conhecido. O desta bibliotheca é impresso em bello papel pergaminho, boa letra gothica, tinta mui viva, e acha-se bem livrada do insecto, talvez pelo seu papel; o que tambem se prova com uma bella edição de D. Quixote em pergaminho. A collecção de biblias desta livraria é riquissima, tanto pelo aceio das suas edições como pelas diversas linguas em que foram publicadas, e acham-se tambem varias collecções de estampas biblicas dos mais celebres auctores.

Possue esta bibliotheca, entre os seus poucos manuscritos, uma biblia de pequeno formato, em finissimo pergaminho e letra microscopica, do anno de 1300, que fóra do conde da Barca; um livro de orações do uso de elrei D. Fernando de Portugal, precioso tanto pela sua antiguidade como pelas estampas e desenhos coloridos de que são ornadas as suas margens e as vinhetas de seus capitulos; ha mais outro que de certo tambem fóra do uso de algum rei portuguez, acompanhado de notas de cantochão para os officios da capella, e até com-

prehendendo no fim uma arte de cantochão figurado; ha mais um registo de cartas jesuiticas escriptas do Brasil desde o anno de 1549 até pouco mais de 1600, que fóra do collegio de Santo Antão em Lisboa, e dado pelo conselheiro João Pereira Ramos ao conselheiro Lara e Ordonhes, que delle fez presente á bibliotheca publica. A historia das missões da Bahia para o sul acha-se bem explicada nestas cartas, entre as quaes muito interessa a leitura das dos padres Nobrega e Anchieta; ha mais uma colleção, já muito estragada pela tinta, das correspondencias autographas do santo officio de Góa com o de Lisboa. Ha por fim varios manuscriptos de obras que já correm impressas, como, por exemplo, das cartas do padre Vieira, das de Alexandre de Gusmão, das de D. Luiz da Cunha; assim como tambem de correspondencias diplomaticas do conde da Barca, de D. Luiz da Cunha e de outros.

Esta bibliotheca, que parece haver ficado estacionaria depois de estabelecida no Rio de Janeiro, começa a enriquecer-se de preciosas obras modernas. O governo tem feito empregar na compra de livros a consignação que a assembléa geral, depois d'annos, decretára para a livraria publica. De 1842 por diante tem ella recebido quasi mil volumes comprados na Europa, entre os quaes notam-se os da interessante obra de Spix e Martius sobre a historia natural do Brazil; as obras de Cuvier até hoje publicadas; Antiguidades do Mexico por MM. Lenoir e Warden; as plantas da provincia de Goyaz por Phol; a Flora Londinense; varias historias e tratados scientificos, obras de litteratura, periodicos mais estimados, tanto francezes como inglezes, &c.; e consta que um novo pedido de muitas obras modernas sobre sciencias juridicas, commerciaes, militares, industriaes, agronomicas, politicas, &c., se fizera para a Europa, e que dentro em pouco tempo terá mais a bibliotheca publica do Rio de Janeiro esse interessantissimo accrescentamento.

ACADEMIAS ESTRANGEIRAS.

Nos suburbios de Athenas havia um jardim cercado de muros com varias ruas d'arvoredos, no qual Academus, seu dono, estabeleceu uma escola de exercicios gymnasticos. Cimon, o celebre general atheniense, veio a possuir aquelle jardim 400 annos antes da era christã, aformoseando-o então com estatuas, lagos, e outros adornos que nessa epocha muito andavam no gosto dos gregos. — Cançado Cimon de gozar as delicias do seu retiro legou-o ao publico; sendo logo transformado em assembléa de philosophos, entre os quaes se distinguia Socrates, que alli concorria para conversar com os seus discipulos.

Deve-se a Platão, illustre discipulo de Socrates, a celebridade que depois teve aquelle retiro, com a fundação da sua famosa escola philosophica, a que pôz o nome de academia, em memoria do seu primeiro possuidor. — Tal é a origem da academia grega.

Cicero, que aprendêra a philosophia dos gregos, denominou tambem academia a sua casa de campo, situada na costa de Napoles, para onde se retirava quando os negocios da republica lhe consentiam applicar-se aos estudos; sendo alli que escreveu as suas *questões academicas*. Restabelecido o imperio e cultura das letras na Europa no começo do seculo 15.º, o nome de academia resurgiu de novo,

postoque com uma acceção um pouco differente da que tivera entre os gregos e romanos: — não eram já escholas aonde os mestres ensinavam a philosophia e artes a seus discipulos, mas associações de litteratos formadas para o trato e aperfeiçoamento das sciencias. O que modernamente se chama academia assemelha-se mais ao museu fundado em Alexandria pelo primeiro Ptolomeu, o qual consistia apenas n'uma associação de sabios. Diz-se que no seculo 8.º estabeleceu Carlos Magno no seu palacio de Paris um museu ou assembléa de doutos de que foi membro, cujo maior emprego era decidir questões duvidosas sobre que era consultada. Os individuos que a compunham assumiram caprichosamente o nome classico do auctor que cada um delles mais admirava pelos seus escriptos. O imperador escolheu o de David, sem duvida porque apreciava os psalms do rei propheta, ou então por desmarcada vaidade: — um membro adoptou o nome de Homero, outro o de Livio, &c., &c. Esta sociedade durou, todavia, até a morte do seu fundador; mas não consta que se reproduzisse n'outras partes da Europa.

Ha motivos para crer que do estabelecimento de universidades em todos os paizes christãos, como escholas de ensino publico, resultou o esquecimento e decadencia em que jazeram as academias; — e que esta circumstancia suggeriu a idéa, aos homens amigos das letras, que não pertenciam a taes corporações, e mormente aos ecclesiasticos, de se reunirem em assembléas, a que pozeram o nome de academia, e a si o de academicos. Destas associações mencionaremos algumas.

Academias italianas.

A Italia, como já dissemos, foi o berço das academias modernas; e, ou seja pelo grande numero d'estados em que está dividido aquelle formoso paiz; ou pelos muitos litteratos que nelle floreciam no seculo 16.º; — umas vezes por a protecção dos príncipes, outras pela viveza natural dos habitantes, é certo que a fundação de academias tornou-se alli uma especie de mania; e de modo tal que não havia povoação de dez mil habitantes que não tivesse uma, nem cidade capital que não contasse quinze, ou vinte, subindo o seu numero, em 1725, a seis centas e tantas.

Que houve então na Italia um prurido academico, provam-no sobejamente a extravagancia dos nomes dados ás differentes associações, alguns dos quaes referiremos: — A academia *dos Impatienti, Inabili, Indomiti, Inquieti, Alterati, Humidi, Infernati, Lunatici, Volanti, Insensati, Insipidi, Audaci, Fantastici, Infecondi, Notturni, Ombrosi, Erranti, Extravaganti, Ostinaci, Vagabondi*, e outros similhantes. A mais famosa e util d'entre ellas denominava-se *De la Crusca*; — os moveis da sala aonde se juntavam os academicos eram todos allegoricos a uma casa de padejo. Servia de tribuna uma tremonha, e o orador fallava em cima da pedra de um moinho; — outra pedra de moinho servia de cadeira ao presidente, e os membros que se reuniam tinham peneiras por assentos. Uma grande amassadeira servia de meza, e o academico que lia qualquer memoria tinha metade do corpo enterrado n'uma joeira. — Todavia, foi neste laboratorio que se formou o melhor dictionario italiano — o que levou este formoso idioma á sua maior perfeição e apuro. O motto de la Crusca é «*il piú bel fior ne coglie*».

[colhe a farinha mais pura] e está escripto n'uma peneira. O nome latino da academia é *Academia Furfuratorum*.

Academias francezas.

A academia franceza, propriamente tal, foi fundada em 1635 pelo cardeal de Richelieu com o fim de levar ao maior apuro e adiantamento a lingua franceza, que então se achava muito imperfeita. — Esta associação, seguindo o exemplo dos academicos de la Crusca, publicou em 1694 o seu dicionario, que ficava muito áquem do italiano, pelo grande atraso em que então se achava aquella lingua; e se a algum respeito a melhorou, fez-lhe por outra parte grande mal, mostrando a sua pobreza, e oppondo-se em certo modo a que ella enriquecesse. Postoque o motto desta academia fosse «*A' Immortalidade*» não póde comtudo dizer-se que os seus trabalhos tenham justificado o titulo.

A academia franceza compunha-se originariamente de 40 membros, d'entre os quaes se elegiam cada trimestre um director e um chanceller: — o emprego de secretario era vitalicio. Um erro capital da academia consistia em admittir no seu seio muitos membros por favor, o que a fez alvo dos tiros dos satyricos. — Em uma nação tão culta como a franceza, e que tanto abunda em litteratos distinctos, não admirava que causasse descontentamento a exclusão de alguns destes; os quaes ainda que continuamente motejassem a *junta dos quarenta*, como por irrisão denominavam a academia, não deixavam comtudo de sollicitar a admissão nella quando occorria alguma vagatura. — Um critico definiu a academia franceza «*Uma instituição aonde se admittiam titulares, ecclesiasticos, togados, e alguma vez um litterato.*» Piron deixou o seguinte epitaphio escripto pela sua propria mão:

*Ci-git Piron qui ne fut rien,
Pas méme academicien.*

Colbert, o celebre ministro de Luiz 14.º, fundou outra academia em 1663 com o titulo de Academia Real das Inscriptões e Bellas-Lettras, a qual no principio apenas se compunha de um pequeno numero de membros que se empregavam em inventar desenhos para cunhos de medalhas, que commemorassem as victorias das armas francezas; — em examinar as obras de pintura e esculptura que deviam ornar as salas reaes de Versailles; — e em formar riscos para os jardins dos palacios do rei. Similhante associação se denominaria bem impropriamente academia, se não fôra reformada em 1701, dando-se-lhe nova direcção. Desde então tem feito ao paiz alguns serviços litterarios na publicação annual de um tomo das suas memorias, em algumas das quaes se encontra merito distincto.

O ministro Colbert fundou tambem em 1666 a academia real das sciencias, que começou a dar á luz as suas *Memorias* em 1699. — Todas estas academias foram supprimidas em 1793, quinboando a sorte dos outros estabelecimentos do antigo governo real; porem o directorio reunindo ás tres referidas academias a de pintura e esculptura, deu a todas juntas o nome de = Instituto real = que em 1802 foi de novo organizado por Bonaparte.

A restauração reformou o instituto real, que consta actualmente de cinco divisões: — a primeira é a academia de sciencias, que tem sessenta e

cinco membros effectivos, e cem correspondentes: — a segunda a academia franceza, que conta quarenta membros: — a terceira a academia das inscripções e bellas-lettras, composta de quarenta e um membros effectivos, sessenta correspondentes, e oito extraordinarios: — a quinta, que ultimamente se aggregou áquellas, é a academia de sciencias moraes e politicas, com trinta membros effectivos. Reune-se cada uma dellas uma vez por semana. Os logares vagos são preenchidos por eleição, em votação dos respectivos membros, ficando a escolha sujeita á approvação do rei: os socios effectivos recebem a pensão annual de 1:500 francos. É no palacio chamado das bellas-artes que so celebram as juntas geraes de todas estas classes. — Ha academias nas cidades principaes de França.

(Continuar-se-ha).

O bucéphalo. — Este nome de um cavallo celebre por pertencer a Alexandre Magno quer diser em linguagem grega *cabeça de boi*, e deu-se-lhe ou porque nessa parte do corpo tivesse parencas com o boi, ou porque trazia a figura deste animal esculpida na garupa da sella, ou, finalmente porque era um ente hybridado, nascido de touro e egua, como alguns antigos escriptores suppozeram. Alexandre comprou-o por subido preço a um natural da Thessalia que adquirira fama de crear bons cavallos nas campinas de Farsalia, que ao diante foram theatro da sanguinolenta batalha entre Cesar e Pompeu. Depois que o conquistador macedonio teve amansado o seu bucéphalo com summa habilidade e paciencia, de que a historia nos transmittiu noticia, reservou-o para somente servir-se delle em occasiões de grandes combates. Se dermos credito a Plinio, Estrabão e Quinto Curcio, quando bucéphalo não estava sellado deixava-se montar e guiar sem difficuldade pelo palafrenero que o pensava, mas estando ajaezado não soffria que outro que não fosse Alexandre o cavalgasse, e apenas via o principe ajoelhava para recebê-lo. O monarcha da Macedonia mais de uma vez foi devedor da vida ao vigor e velocidade do seu cavallo: na batalha contra Póro junto ao Hydaspes, tendo-se mettido pelo meio da cavallaria india, pereceria, se bucéphalo apesar de mortalmente ferido não redobrasse a celeridade para livrá-lo do extremo perigo: assim que o cavallo trouxe seu dono ás fileiras macedonias exhalou o derradeiro alento. Alexandre, grato e querendo perpetuar a memoria de tão nobre animal, no proprio sitio onde este cahira, nas margens do rio, fez erigir uma cidade a que poz nome *Alexandria-bucéphalos*. Alguns sabios sustentaram que a dita cidade é hoje a de Lahor, capital do reino do mesmo titulo na Peninsula daquem do Ganges, de cujo principe famoso, Randjit-Sing, contemporaneo nosso, demos noticia e retrato a pag. 60 do vol. 2.º da 1.ª Serie.

Há homens que possuem coragem e valentia de coração no mais alto gráu a que possa chegar a especie humana; mas aos quaes falece a valentia d'espírito n'um gráu o mais mediocre e commum: aquella primeira qualidade póde dar ao homem animo, e valor, porem adiantará pouco se lhe faltar a resolução que é filha da confiança e esta da elevação do espirito: aquella é vulgar, esta muito mais rara do que se suppõe. — *Cardeal de Retz.*